

O Purgatório ainda funciona? Bom humor e convivência: o cristianismo na identidade do povo brasileiro

Antonio Manzatto¹

Resumo

“Purgatório, a verdadeira história de Dante e Beatriz” é um pequeno romance de Mário Prata escrito no ritmo dos antigos folhetins onde, com bom humor e pertinência, o romancista coloca a pergunta sobre os dogmatismos religiosos, a tolerância e o lugar das religiões na vida cotidiana das pessoas e em sua convivência. A identidade brasileira e, por extensão, a latino-americana, pode ser analisada a partir deste horizonte de humor, tolerância e convivialidade. Seria a teologia cristã refratária a isso, afirmando a igreja sempre como instituição de força, ou se poderia encontrar na pessoa e no ministério de Jesus exemplos e fundamentos de uma vivência religiosa ecumênica e aberta às diferenças? Uma teologia latino-americana atualizada e inculturada não pode passar ao largo das características de nossos povos, e por isso o presente artigo articula uma maneira de viver o cristianismo com a realidade cultural da vida do povo brasileiro.

Palavras chave: *humor, convivência, festa, religião, tolerância.*

¹ O autor é brasileiro, doutor em teologia pela Universidade de Lovaina, na Bélgica, onde apresentou tese sobre as relações entre teologia e literatura. Atualmente dirige e leciona teologia sistemática na Faculdade de Teologia da Arquidiocese de São Paulo, além de outros encargos pastorais. Endereço eletrônico do autor: manzatto@teologia-assuncao.br.

Depois da recente Declaração da Congregação para a Doutrina da Fé, do Vaticano, sobre o Limbo, reafirmando que se trata de simples hipótese teológica que não precisa ser utilizada, justifica-se que se coloque a mesma questão com relação ao purgatório. Também ele, como lugar do além, deve deixar de ser mencionado? Mudou a doutrina católica sobre ele? Entre as diversas igrejas e comunidades cristãs do mundo, ele tem sido um dos assuntos de discussão e de impasse. Seria tudo resolvido por sua supressão, e uma simples declaração papal poderia decretar o seu fim?

Não, não é disso que trata o presente artigo. A discussão do assunto pode ser justificada por seu interesse teológico, mas o Purgatório aqui em questão é o título de um romance de autoria de Mário Prata², e tem como subtítulo “a verdadeira história de Dante e Beatriz”³. Claro que há uma remessa ao texto de Dante Alighieri, A Divina Comédia, e sua maneira de imaginar e enxergar o purgatório, maneira que acabou influenciando praticamente todas as gerações subsequentes em termos de imaginário religioso. Todos acabam pensando o purgatório mais ou menos do jeito apresentado por Dante.

Só que Mário Prata não faz uma releitura da obra de Dante. O purgatório aparece porque foi lá que o autor da Divina Comédia encerrou sua amada, Beatriz. Mas isso é apenas pretexto para a apresentação de uma bem-humorada narrativa sobre comportamentos religiosos e sociais, com uma pertinente questão sobre a religião e seu papel na vida das pessoas, com direito a discussão sobre a validade de uma

² **Mário** Alberto Campos de Moraes **Prata** é natural de Uberaba (MG), onde nasceu no dia 11 de fevereiro de 1946. Como escritor, envolveu-se em todos os campos da literatura, produzindo romances, peças de teatro, cinema e televisão, livros infantis e escrevendo artigos em jornais. O humor é uma de suas características, embora nem toda a sua obra seja marcada apenas pela comicidade. Conhecido em vários países, recebeu inúmeros prêmios internacionais por sua obra.

³ **Mário Prata**, *Purgatório, a verdadeira história de Dante e Beatriz*, São Paulo: Planeta, 2007.

“contabilidade religiosa” que garanta o destino humano “na outra vida” ou no além. Afinal, qual o sentido da religião na vida das pessoas e porque se é religioso? Para garantir o destino depois da morte? E porque as religiões são causa de tantas mortes no mundo de hoje, como também o foram no passado? São perguntas inquietantes e perturbadoras para a teologia, e ainda necessárias para se poder afirmar a pertinência do discurso religioso e teológico no mundo atual. Ou será que o mundo fica melhor sem religião? Seria ela descartável ou, como querem alguns, maléfica?

Por outro lado, onde situamos a identidade latino-americana nessa discussão? Ou, dito de outra maneira, o purgatório latino-americano seria diferente dos outros? Seria preciso abordar o tema da religião para poder afirmar uma real identidade latino-americana? Sim, o tema volta a ser importante na teologia também porque o Documento de Aparecida o retoma com entusiasmo. No quadro temático do Segundo Colóquio Latino-Americano de Literatura e Teologia, a característica latino-americana deve ser enfocada e, como veremos, a esse respeito o romance em questão pode ajudar a teologia a enxergar outro caminho importante além daquele trilhado pela religiosidade popular que sempre reaparece quando o assunto é colocado em pauta. A partir do texto de Mário Prata podemos relacionar essas questões, como veremos.

O Romance

“Purgatório, a verdadeira história de Dante e Beatriz” é o título do romance que nos ocupa. Ele foi publicado segundo a antiga maneira de publicação de novelas no Brasil: o jornal trazia, três vezes por semana, um dos capítulos do livro, como um folhetim. Essa forma de publicação determina a apresentação do texto: os capítulos são

curtos, rápidos e ágeis, levando o leitor a acompanhar a velocidade da escrita do autor. Privilegia-se, então, a imaginação que visualiza as cenas apresentadas mais que a razão que as analisa ou sobre elas reflete. O resultado é a leitura tornar-se ágil e divertida, também porque essa é a sensação que se quer que o leitor experimente.

Mário Prata usa e abusa do humor para contar sua história. As situações inusitadas são privilegiadas, seus detalhes cômicos colocados em evidência, o riso é cultivado. O ambiente é de comédia e, sem apelações, usa a ironia como forma de divertir o leitor através dessa narrativa bem-humorada. Aliás, o humor não será apenas forma de apresentação de sua narração, mas, como veremos, forma de afirmar a identidade do povo brasileiro, caminho para se pensar uma relação possível entre cristianismo e identidade nacional.

A história

Tudo começa quando Dante, bancário de meia-idade, casado, em crise de sentido da vida, recebe uma carta de sua antiga namorada dos tempos de juventude, Beatriz, que o informa de sua volta ao Brasil e de seu desejo de revê-lo. Imediatamente ele se entusiasma, imaginando poder voltar à juventude de quando aquele romance foi vivido e, assim, recuperar a alegria em sua vida, meio perdida na rotina do dia-a-dia. Mas o avião no qual ela retorna ao Brasil sofre um acidente e ela morre. Dante começa então a receber mensagens eletrônicas dela em seu computador, convidando-o a ir para o purgatório encontrar-se com ela para viverem seu romance. Aí está o quadro onde se desenvolve a narração da história, porque desse momento em diante Dante busca maneiras de poder comunicar-se com sua antiga namorada para poder ter orientações

precisas de como fazer para ir ao Purgatório encontrar-se com Beatriz e viver seu romance.

Virgílio, seu amigo de infância e de trabalho e homossexual assumido, será aquele que o ajudará a encontrar uma maneira de fazer isso acontecer. O nome do personagem, aliás, remete ao autor do clássico “Eneida”, que parece ser uma maneira de homenagear outro grande escritor da língua latina. O amigo, que também é espírita e versado na comunicação com os mortos, procurará maneiras de ajudar Dante a realizar seu novo objetivo de vida, ir para o purgatório. Dois problemas imediatos aparecem: como ocultar tudo isso da esposa de Dante, Gemma, que, afinal, não pode saber da outra, ainda que seja uma namorada antiga e já morta; e como encontrar uma maneira de, com certeza, ir para o purgatório, ainda que seja necessário morrer para isso. Um terceiro problema virá na seqüência: como Dante fará tudo isso sem parecer louco?

Ele busca encontrar certa contabilidade de pecados que lhe garanta não ir para o céu, que seria muito asséptico e sem graça, mas que também não o conduza diretamente ao inferno, porque ali estaria longe de sua amada. A vivência religiosa começa a interessá-lo ainda que por aquele inconfessável motivo, e seu comportamento, que começa beirar o fanatismo, deixa seus familiares e amigos intrigados, apreensivos e preocupados. Pensam-no doente ou, ao menos, estressado, e tentam buscar para ele auxílio profissional. Mas o psiquiatra encarregado de tratá-lo, o doutor Júnior, Juninho para os amigos, interessa-se demasiado pela história e decide escrever a biografia de Dante como forma de ganhar notoriedade literária e, de quebra, alguns trocados. Não se deixa de notar aqui certa crítica aos tratamentos de análise psíquica.

Orientado por Beatriz, Dante estabelece sua conduta para ir ao purgatório: confessar-se imediatamente para “zerar” os pecados; depois cometer uns tantos para qualificar-se para o purgatório e, em seguida, morrer para chegar lá. O padre do lugar, procurado para a confissão, interessa-se pela sua situação mas estranha seu comportamento não apenas subitamente religioso, mas estranhamente fundamentalista e “contábil”. Virgílio deverá ajudá-lo a encontrar uma maneira de passar desta para a melhor. Gemma, a esposa de Dante, descobre sofrer de uma rara e fatal doença de gigantismo, a Síndrome de Pantagruel, e procura a cura pela religião. Estranhamente, também aqui há contabilidade: a altura limite para o crescimento é 2 metros, o doente morrendo quando atinge tal altura. Sua mãe, Zizé, vem para ajudá-la e acaba envolvendo-se com o sacristão. Descubrem que em um único caso da doença a paciente sobreviveu e vão procurá-la. Trata-se de Gildão, que afirma ter sido curada pela ingestão do Santo Daime. Gemma passa a tomar o chá e, realmente, vê-se curada mais tarde.

No final, a polícia informa Dante que sua Beatriz era uma “serial killer” que já havia assassinado outros “Dantes” na Europa e vinha ao Brasil para matá-lo, já que estava convencida que era a “reencarnação” de Beatriz Portinari e que Dante, qualquer Dante, era responsável por sua infelicidade. Mesmo depois de morta, o que ela buscava era que Dante simplesmente morresse, e por isso tentava convencê-lo a ir para o purgatório. O caso todo faz com que Dante redescubra sua vida e o valor das pessoas que o cercam, sobretudo o amor de sua mulher, de sua família e dos amigos, sendo Virgílio o melhor deles. O valor da vida está nas relações que se tem e não no passado distante na história. Daí o happy end: cinco anos depois, Dante e Virgílio aposentam-se, param de trabalhar, compram um sítio, o Sítio do Purgatório, onde vão viver todos

juntos, em verdadeira comunidade. Os momentos privilegiados são os de alegria e convivência, verdadeiras práticas religiosas, simbolizados na grande feijoada onde todos participam, inclusive o padre Geraldo e os diferentes representantes das diversas religiões que apareceram na história, e também os sem religião. Assim, depois de muitas idas e vindas, as mais diferentes religiões existentes no Brasil, como o catolicismo, o espiritismo, os cultos afro e outras ainda como o Santo Daime e o budismo, Dante e todos os outros personagens percebem que mais vale viver bem aqui neste mundo, em relações humanas de afeto e verdade que se preocupar com o destino da alma na eternidade depois da morte. O encerramento do romance com a tradução da poesia “Imagine”, de John Lennon, corrobora esse ponto de vista, inclusive porque ali se afirma a vida vivida sem religião já que muitas vezes ela parece mesmo mais servir para confundir e alienar que para fazer feliz.

O símbolo que faz pensar

Na narrativa de Mário Prata, alguns elementos interrogam nossa maneira de pensar a teologia e a religião, e outros se destacam como afirmação de valores e apresentação do que realmente importa na vida. Através do símbolo da narrativa ficcional o leitor é levado a refletir sobre o sentido de sua vida e mesmo de suas práticas religiosas, comparando-as com a vida de Dante, além de divertir-se com suas peripécias. Um destes elementos, já afirmados anteriormente, é o humor, apresentado através da ironia, do riso e da leveza com que se enfrenta a vida, tomando-a sempre do seu lado bom. Essa a maneira do autor enxergar o mundo que transparece nos personagens da história: os mais felizes são os mais “descolados”. Outro elemento é a busca de Dante do amor ou sonho perdido na juventude, e que simplesmente não se recupera mais.

Correr atrás do tempo passado impede de viver o presente, impede de enxergar seus valores e impede, sobretudo, a vivência das relações humanas atuais.

Outros elementos nos interrogam mais de perto, relacionando-se com a religião. Não apenas as múltiplas religiões vividas pelos mesmos sujeitos, o que coloca a questão sobre a convivência religiosa ao invés dos exclusivismos, mas sobretudo a grande questão de saber se a religião deve ou pode guiar a vida do ser humano. Afinal, o que importa é a vida aqui e agora ou no além? Pode-se perguntar também como fica a questão “contábil”, tão presente em certos ambientes religiosos, do bem que se fez e do mal que se deve pagar. A teologia da retribuição ainda pode sobreviver? Mais profundamente, pode-se perguntar também pela dimensão social da religião, se ela ajuda a organizar a sociedade ou se diz respeito apenas aos comportamentos individuais. Como, finalmente, pensar a religião? A narrativa de Mário Prata que, no geral e nos detalhes, afirma o ridículo de certos comportamentos religiosos com sentido duvidoso e que buscam o próprio interesse, parece dizer do non-sense das preocupações com a vida além da morte e as vivências religiosas e rituais que daí decorrem. Talvez o discurso religioso precise ser revisto ou, ao menos, alguns de seus aspectos devam ser mais bem equacionados, sob pena de a religião não ter mais nada a dizer de pertinente aos seres humanos de hoje.

Pra quê serve a religião?

A pergunta tem, evidentemente, sentido neoliberal. Parece que o que não é, de alguma maneira, útil para o ser humano aproveitar a vida nos moldes do neoliberalismo pós-moderno, não é digno de humanidade. Claro que aqui já há alguns pontos que

necessitam de precisão, mas sempre se pode colocar a pergunta em outros termos, inquirindo sobre a importância e validade do discurso religioso no mundo contemporâneo. Uma antiga compreensão parece dizer que a função da religião é preparar a pessoa para viver a “outra vida”, aquela que vem depois da morte e que seria, então, a “verdadeira vida”, já que nesta não se é mais que “passageiro”. Daí a preocupação religiosa com o além, com o “destino eterno da alma”, discurso ainda presente em muitos ambientes religiosos inclusive cristãos e católicos. O autor tece violenta crítica a essa compreensão, dizendo que viver preocupado com a “outra vida” é simplesmente não viver a vida presente e, por isso, descaracterização de humanidade. É pura alienação.

Algumas situações inusitadas são enfocadas por Prata para mostrar o descabimento desse discurso religioso. Almas que mandam e-mail do purgatório ou que encarnam em ectoplasma que sai do corpo dos videntes? A imagem parece ridícula e, por esse caminho, se critica os discursos que falam de comunicação com os mortos, ponto central de crenças religiosas como o espiritismo. Afinal, a informática teria existência no além? Mas confessar-se para “zerar” os pecados e a partir daí, com a ajuda do catecismo que coloca valor e peso nos pecados, buscar escolher os pecados que se comete, numa forma de “contabilidade” que garanta a ida para o purgatório depois da morte, não seria um comportamento tão ridículo quanto aquele outro? Por esse viés, se questiona todo comportamento que quer “garantir matematicamente” o destino da alma no além, discurso presente em certos ambientes do catolicismo e em outras religiões cristãs. E ainda tem o gigantismo da esposa de Dante, doença mortal da qual escapou apenas uma pessoa, a Gildão, que “parou de crescer” com a ingestão do Santo Daime. Mas seria o alucinógeno uma cura invisível para um mal que não existe? Não estaria aí

uma crítica a todas as religiões de cura e todas as que pregam apenas um ritual, como certos ritos afro? O mesmo se dá com a meditação mais ou menos transcendental que aparece no final do texto, já que os que meditam o fazem “geralmente de pilequinho”! Parece que nenhuma religião escapa à crítica bem-humorada, mas violenta do romancista, nem sua justificativa pela aproximação com a racionalidade ou com a ciência. Sua visão parece ser a de que o mundo e as pessoas viveriam melhor sem religião.

Eis-nos de volta à questão colocada, aquela de saber para que serve a religião, sob pena de, no caso de ausência de resposta, dar razão à crítica: melhor será se o mundo viver sem religião. A questão da “construção do humano” ou a da construção da identidade do povo ou da cultura não se coloca aqui, pois são várias religiões enfocadas e criticadas. Mesmo a questão do sentido, filosoficamente colocada, parece também não ser a preocupação do autor. Ele vai numa outra linha, caracterizada pela cena final: a convivência de uma comunidade que vive em fraternidade. É uma verdadeira celebração que reúne todos os diferentes, na feijoada que afirma a igualdade de todos os humanos, quaisquer que sejam suas culturas, profissões, gostos, comportamentos sexuais, preferências políticas ou crenças religiosas. Aqui está o ponto central da proposta de Mário Prata: o importante para a humanidade é conviver em paz e igualdade; para isso há que se superar os individualismos de propriedade, força e dominação, inclusive aquela baseada na “verdade religiosa” ou aquela que se preocupa sempre em “levar vantagem em tudo”. Nenhum ser humano é superior ao outro, sob nenhum aspecto. E a religião não terá como função simplesmente a preparação para a vida no além, porque isso é secundário em relação à atualidade da história: é preciso viver agora, e viver bem, para que haja possibilidade de futuro. De que adiantará a preocupação com o além e o

futuro se isso impedir a realização da pessoa no hoje concreto da história? Afinal, sempre se afirmou que o “destino eterno” depende, fundamentalmente, da maneira de se viver o presente.

O caminho é interessante para se pensar a religião como convivência. A importância (ou a “verdade”) da religião está menos em suas afirmações metafísicas, sobre o futuro do além ou as “realidades espirituais” e muito mais em sua proposta de como os seres humanos podem viver juntos, em paz e igualdade. Aqui não se está distante das matrizes do cristianismo. Afinal, qual a proposta de Jesus senão a de uma convivência universal e fraterna, na igualdade fundamental de todos os seres humanos, reunidos no que ele chama de Reino de Deus? Os evangelhos não nos dão discursos de Jesus sobre o “ser transcendental” de Deus ou sua realidade metafísica, mas sim sobre maneiras de os seres humanos se relacionarem. Conhecemos melhor a proposta de Jesus e sua incidência histórica na medida em que conhecemos melhor o mundo onde ele viveu, na seqüência dos estudos realizados na chamada “busca pelo Jesus histórico”. Independente das discussões a respeito é fato que se conhece hoje melhor o mundo da Palestina do século I, suas características históricas, sociais e culturais que em outros momentos da história. Também conhecemos melhor o mundo do Primeiro Testamento, e assim seus escritos e a história do povo de Israel podem ser vistos por nós sob outra luz. A noção de religião como convivência cabe perfeitamente na maneira de se ler os textos fundantes do cristianismo.

O Primeiro Testamento, com efeito, tem como estrutura fundamental a formação do Povo de Deus, sua legislação, sua fé, sua cultura, sua história e organização. A vontade de Deus, o seu plano a respeito de seu povo, aparece na história concreta da

convivência em Israel: convivência entre as pessoas, as tribos e os povos. Não é nessa linha que se coloca a promessa a Abraão, a saída do Egito ou a Aliança do Sinai? Não é nessa linha que se manifestam os profetas e os sábios de Israel? O que existe não é uma proposta de convivência humana de tal forma estruturada que, então se poderá dizer, “eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu Povo”? Se nessa mesma linha formos observar o Segundo Testamento, não veremos ali também, essencialmente, uma proposta de convivência? Esse é o significado de ditos como “o que quereis que os outros vos façam, fazei-o vós a eles” (Mt 7,12), ou “ninguém tem maior amor que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15,13), ou “amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 15,12), ou “nisso conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35). O grande mandamento deixado por Jesus aos seus seguidores não é outro: “eis que eu vos dou um novo mandamento: amai-vos uns aos outros” (Jo 13,34); e mesmo toda a lei e os profetas são sintetizados nessa palavra: “amar a Deus com todas as forças... e ao próximo como a si mesmo” (Mt 22,34-40). Frases assim indicam a clara noção, textualmente afirmada por João, que “Deus é Amor” (1Jo 4,8). A consequência clara para os crentes é aquela de “conviver no amor”, muito mais do que mero e simples sentimentalismo. A pregação de Jesus sobre o Reino de Deus, que todos os autores reconhecem como remontando ao Jesus histórico, traz implícita essa compreensão. Afinal, se trata de Reino, portanto governo, organização da sociedade, de convivência social. Enquanto reformador da religião, Jesus se apresenta como reformador das relações entre as pessoas, propondo uma nova maneira de conviver, aquela baseada na igualdade fraterna concretizada na refeição comum. Ecos semelhantes parecem brotar do final do romance de Prata, que sintetiza o ideal da vida humana na convivência celebrada na refeição comum.

A “desescatologização” do cristianismo que foi acontecendo ao longo da história sobretudo após o contato com certa metafísica dualista de origem grega, fez com que se perdesse de vista essa noção “política” da proposta de Jesus: a convivência humana. Com o passar do tempo, tudo foi, de um lado, sendo colocado no além e, de outro, no sujeito. Com isso formou-se a idéia de que a religião prepara para a “outra vida”, já que aqui a história é outra! Afinal, os donos do poder aqui têm todo interesse em retardar a “outra vida”, que vai perdendo o sentido de “outra maneira de viver” e ganhando aquele de “viver em outro lugar, em outra dimensão”. Da mesma forma, a prática religiosa vai tornando-se cada vez mais intimista, as relações humanas vão cada vez mais perdendo importância na construção da “santidade”, do caminho para Deus, de tal forma que o ideal humano passa a ser o da pessoa em união com o divino independente da união com os outros seres humanos. Se isso trouxe aspectos positivos na cultura ocidental, como a valorização do sujeito e a compreensão da autonomia das realidades humanas, também trouxe alguns problemas, como o de reduzir o cristianismo a um sentimentalismo individualista ou o de confinar a proposta religiosa a uma “vida depois da morte”. Parece que, por esse caminho, a religião não terá nenhuma importância na organização da sociedade e seu discurso não deverá ser levado em conta, pelo contrário. Como existem diferentes religiões tudo é, novamente, colocado no plano do indivíduo, e a sociedade continua sendo organizada pelos seus senhores que, em benefício próprio, eternizam uma estrutura de dominação. A proposta do romance parece ser a de que a superação das dominações se fará pelo estabelecimento de uma convivência fraterna e universal, de respeito às pessoas e à coletividade, onde cada um possa ser o que é sem que isso traga prejuízo ao conjunto da sociedade, e onde todos possam preocupar-se em realizar o bem comum, superando as estruturas do individualismo. Tudo isso transparece na crítica religiosa e, sobretudo, na cena final do romance. Se aceitarmos

que as coisas são assim, será preciso reconhecer que isso nos insere em pleno coração do cristianismo, em autêntica fidelidade à proposta de Jesus, repensando e reelaborando teorias e comportamentos religiosos. A superação dos pecados eclesiais, cometidos ao longo da história e na atualidade, será necessária para que a radicalidade da proposta de Jesus seja crível e possa orientar a convivência da humanidade.

Sobre as características de brasilidade

Vários autores têm escrito sobre as características do povo brasileiro⁴, suas semelhanças e diferenças com os outros povos latino-americanos e sua maneira de situar-se na história. O fato de ser um país de dimensões continentais, de ter uma única língua e de ser formado pelo encontro de três raças entra sempre no campo de análise dos especialistas. Não queremos aqui discorrer sobre aquilo que forma, histórica ou estruturalmente, a maneira de ser do brasileiro, mas sim ressaltar dois aspectos presentes na obra de Mário Prata e que caracterizam, se não definem, uma espécie de brasilidade, aspectos estes que também estão presentes na análise dos especialistas que estudam as características do povo brasileiro.

Uma dessas características é o humor. Tornou-se lugar comum caracterizar o brasileiro por sua espontaneidade, alegria e disposição diante dos mais diferentes aspectos da vida, inclusive aqueles mais difíceis. Claro que essa não precisa ser característica exclusiva do povo brasileiro, mas lhe dá sua marca. De certa forma, ser brasileiro é ser alegre, jovial, bem-humorado, mesmo quando a situação histórica não o

⁴ Cf., por exemplo, Darcy Ribeiro, *Os brasileiros – teoria do Brasil*, Petrópolis: Vozes, 1985; *O Povo Brasileiro, a Formação e o Sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995; *O Brasil como problema*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995; também Roberto DaMatta, *Carnavais, malandros e heróis*, Rio de Janeiro: Zahar, 1979; *O que faz o Brasil, Brasil?*, Rio de Janeiro: Editora Sala, 1984.

indique claramente. A obra de Prata é cômica, bem humorada, irônica até. Sua proposta é de diversão pelo riso, já que o ditado popular diz que “rir é o melhor remédio” contra os males. Nas artes, o cômico é uma maneira de expressão. Histórias, filmes, peças de teatro e novelas são, muitas vezes, apresentados pelo seu lado cômico e nisso reside seu sucesso. Sua pretensão não é a apresentação pura e simples do real, mas sua caracterização pela ironia ou pelo exagero. A obra de Prata vai nessa linha. Sabe-se que o humor é um grande veículo de crítica, sobretudo social e política. O povo começa a libertar-se de seus dominadores quando consegue rir deles; o riso é forma de superação do medo. Daí as conhecidas implicações políticas do humorismo, e a tentativa de sempre controlá-lo através de algum tipo de censura. O riso tem poder libertador, mostra o ridículo de situações de dominação, denuncia a torpeza de opressões e aponta para outra possibilidade de mundo. Rir, inclusive de si, é maneira de manter vivo o espírito crítico que impede absolutizações e nos lembra sempre do relativo da situação histórica em que vivemos, simples seres humanos que somos⁵. Assim se compreende que, com efeito, “rir é o melhor remédio”, inclusive para combater a dominação!

Mas há mais. A comédia, o riso, a diversão trazem à tona a importância da afirmação da alegria, do entender a vida como algo bom de ser vivido, para além do círculo fechado das obrigações, do moralismo e das estruturas fechadas. É preciso, também, tomar a vida pelo seu lado bom, afirmando a alegria e o prazer de se viver, de se saber vivo, pois é bom estar vivo. A vida é bela, não é um peso a ser carregado, e pode ser vivida como bem desde já, não é preciso esperar o além para que ela seja boa. E o bem que é viver passa também pelo ser alegre, pelo divertir-se, pelo poder contemplar a beleza das coisas, pelo prazer que pode ser sentido sem que seja visto

⁵ Lembre-se o sucesso da obra de Umberto Eco, *O nome da Rosa*, cujo enredo faz aparecer a preocupação das forças dominantes em controlar o poder revolucionário do riso.

como pecado⁶. A diversão não é ruim, o prazer não precisa ser errado, a vida não tem que ser fardo insuportável! É bom viver, e faz bem! Se o riso é forma de superação da dominação, é também forma de afirmação do prazer que é viver. A alegria, no entanto, não é sentimento individualista. Assim como o amor, ela não se realiza no egoísmo do indivíduo e não é sentimento intimista. A alegria traz expansividade, um transbordar de si que atinge os relacionamentos e desemboca na festa. Esta não é senão a realização e a celebração comunitária da alegria. Também se tornou lugar comum caracterizar o povo brasileiro por sua festividade. Seja em alusão ao carnaval, ao futebol, à música, sempre se vê o brasileiro em sua expansividade festeira, em seu bom-humor escrachado, mesmo numa certa irresponsabilidade festiva diante do mundo. Também aqui não se trata de uma característica exclusiva dos que nasceram na “Terra de Santa Cruz”, mas essa é uma de suas marcas indiscutíveis.

Ora, há que se ver que a festa tem implicações mais profundas do que se pode pensar à primeira vista⁷. Ela é sempre momento celebrativo de algo bom, e por isso traz uma memória que, não raro, é “perigosa e subversiva”, pois lembra situações em que a opressão foi vencida, os pobres foram valorizados, o bem aconteceu. E se foi assim no passado, pode ser novamente no futuro: a situação que estamos vivendo é provisória e não é necessário que ela seja assim: o mundo pode ser diferente, pois o futuro é possível. Vê-se aqui claramente a força contestatória da festa e se compreende porque sempre se a tentou controlá-la e submetê-la, ora denunciando-a como pecado, ora como causadora de desarmonia dentro da sociedade, pelos excessos de comportamento a que conduzia. O que se buscava era que ela deixasse de ser perigosa, não mais se referindo a

⁶ Cf. Antonio Manzatto, *Teologia e Literatura*, São Paulo: Loyola, 1994, sobretudo p. 211ss.

⁷ Cf. Jean-Jacques Wunenburger, *La fête, le jeu et le sacré*, Paris : Délarge-Universitaires, 1977.

algo bom e possível⁸. Vista assim, a festa tem força de subversão e não é simples alienação com relação à dominação presente. Mas há mais. Sendo comunitária, a festa estabelece relações outras entre as pessoas, superando toda a dominação. Numa festa há a afirmação genérica e subentendida de que todos são iguais. Não há “donos da festa”, nem pode haver, sob pena de não mais ser festa. Ela exige espontaneidade e criatividade para novas relações humanas baseadas na igualdade: na festa todos dançam, cantam e se alegram independente de sua posição social. Uma festa é força revolucionária, pois anuncia outra organização política baseada na igualdade, o que não se percebe no dia-a-dia da vida. E há ainda a questão econômica. Uma festa é mais que dança e música, é também comida e bebida, sobretudo para o povo mais simples, já que verdadeira festa é aquela onde todos comem e bebem em abundância, coisa que não acontece todos os dias, pois há ainda muita fome pelo mundo. A festa é anúncio de outra forma de organização econômica onde os bens são divididos, onde o alimento não falta e onde todos podem celebrar a afirmação da igualdade fundamental de todos os seres humanos, reunidos em torno da mesma mesa de refeição comum. Assim entendida, a festa, longe de ser afirmação do status quo, é proposta de formação de um povo na igualdade e fraternidade universal. Prata coloca isso em sua obra, com destaque evidente para a feijoada final. Ali, na festa da fraternidade, todos celebram a possibilidade de viverem bem, em conjunto e em paz. Superam-se, sem negá-las, as diferenças que não mais afastam as pessoas, mas as integram numa única humanidade, reunida em torno da mesma mesa de refeição comum. Essa alegria festiva, característica do povo brasileiro, é retratada por ele como anúncio do modelo de humanidade que seja tolerante, fraterna, igualitária, superando todas as divisões, inclusive as religiosas.

⁸ Veja-se, por exemplo, Jurgen Moltmann, *Le Seigneur de la danse*, Paris : Cerf/Mame, 1972.

Também aqui podemos ver vestígios das raízes do cristianismo, por estranho que possa parecer. Se por muito tempo privilegiou-se na religião cristã certa concepção “dolorista” que chegava a proibir o prazer e pregava apenas o sofrimento, isso se deveu a fatores outros da história e não à herança própria de Jesus. O Reino que ele anunciava era de libertação e presença salvadora do amor de Deus superando os sofrimentos, e não a pregação que seria preciso sofrer para agradar a Deus. Além disso, a proposta de “refeição comum”, tão característica do comportamento do Nazareno, aponta para a festividade da fraternidade onde não há necessitados, eternizada na imagem do “banquete celeste”⁹, muito mais que para o individualismo sentimentalista que se fecha no intimismo egoísta. Exatamente aqui se situa a importância central que a eucaristia tem para os cristãos em geral e os católicos em especial. Ela não é simples apêndice da doutrina religiosa, muito menos mero rito que se celebra obrigatoriamente uma vez por semana para se alcançar o céu. Ela é proposta de nova humanidade, é realização de “outra vida”, isto é, “de outra maneira de viver”, na partilha da vida de maneira que não haja necessitados no mundo, e isso porque todos são iguais: “vós sois todos irmãos” (Mt 23,8)! Vista dessa maneira, a questão religiosa não se coloca em absoluto como a afirmação de verdades que devem ser aceitas por todos; não se coloca a questão dos exclusivismos religiosos, pois a questão fundamental não é a de ritos ou doutrinas, mas a da fraternidade. Por isso Jesus pode relacionar-se igualmente com judeus e pagãos, sentar-se à mesa com fariseus ou publicanos e pecadores; por isso “entre vós já não há judeus ou gregos” (Col 3,11), mas todos, judeus e prosélitos, cretenses e árabes, os ouvimos proclamar as grandezas de Deus (At 2,11). Qual grandeza? A dos seres humanos reunidos em fraternidade, já que a “glória de Deus é a vida do ser humano”.

⁹ A imagem do banquete celeste escatológico não é criação de Jesus de Nazaré, mas se encontra já no Primeiro Testamento, como por exemplo em Isaías 25.

Como encerramento

A obra de Mário Prata, além de extremamente divertida, nos permitiu colocar em relação, além da discussão sobre a importância e o objetivo do discurso religioso, a identidade do povo brasileiro e alguns princípios básicos do cristianismo. Alegria e festa, maneira do brasileiro situar-se no mundo, não implicam em irresponsabilidade histórica ou alienação com relação ao presente, mas demonstram, ao mesmo tempo, sua afirmação de que viver é bom e vale à pena, e sua insatisfação diante da realidade de desigualdade e sofrimento existente no mundo de hoje, além de sua convicção de que as coisas podem ser diferentes e de que todos têm direito aos bens da vida. Viver bem e comunitariamente em festa é a realização da vida humana, muito mais que simplesmente o acúmulo individualista de bens e o sucesso pregado pela sociedade de consumo. Esse projeto de nação, ainda não desenvolvido historicamente, continua como proposta motivadora da vida do povo brasileiro em sua busca por construir um país novo. Por outro lado, vimos que essas características não estão distantes das afirmações centrais do cristianismo. Na herança de Jesus, a alegria da convivência fraterna é afirmada como central no projeto de Deus e, portanto, para a realização da humanidade. É isso que constitui a felicidade humana, na superação de toda dominação e opressão, e na afirmação da igualdade fraterna. A eucaristia é a afirmação dessa verdade e, se de um lado traz viva à comunidade reunida a memória de Jesus, de outro lado celebra a alegria do encontro fraterno e projeta a perspectiva escatológica do mundo novo, da maneira de viver segundo o governo de Deus. A festa da eucaristia, que introduz na alegria de uma nova maneira de viver em fraternidade, longe de alienar do presente histórico torna mais viva a vontade e o compromisso de construir a vida na direção do Reino de Deus.

Dentro desse enfoque, existem características autenticamente cristãs na formação das raízes do povo brasileiro.

Quanto à importância da religião e de seu discurso, lembramos que o fundamental é aquilo que ajuda a construir a humanidade e, portanto, a proposta de convivência fraterna igualitária. Todo discurso religioso que se preocupa em concentrar sua pregação apenas na vida no além, em afirmações meramente metafísicas ou na proposta de um individualismo egoísta, não apenas é ridículo, mas é desnecessário e alienante, e como não tem relevância social, também não tem direito de cidadania, já que não ajuda os seres humanos a conviverem neste mundo. O purgatório não funciona como motivação religiosa ou fundamento doutrinal. A religião poderá ter importância para a humanidade, e aqui será essencial a manutenção do espírito crítico, enquanto apresentar uma proposta de convivência social que supere as exclusões, as intolerâncias e as dominações. Apenas se conseguir sair do âmbito do purgatório é que o discurso religioso poderá atingir o paraíso de ser significativo para o ser humano. Em termos de cristianismo, isso significa a “volta às origens”, na redescoberta da proposta anunciada por Jesus de Nazaré.